

RESUMO

“Os princípios macro hermenêuticos do santuário celestial e suas implicações – Parte II” — Este artigo é o segundo de um estudo de duas partes que trata dos princípios macro hermenêuticos do santuário celestial conforme reivindicados nas Escrituras Sagradas e identificáveis à luz da compreensão historicista do tema. A primeira parte definiu a macro hermenêutica e lembrou sua importante conexão com as realidades do santuário celestial. Também reconheceu a existência e significado dos princípios fundamentais de correspondências ontológica, estrutural e funcional entre os santuários celestial e terrestre – conforme estabelecidos na Bíblia e reafirmados nos escritos de Ellen G. White – enfatizando o papel macro hermenêutico desses princípios para a constituição e manutenção do sistema teológico adventista do sétimo dia. Nesta segunda parte, à luz dessa perspectiva por vezes chamada de literal, se destaca a emblemática coexistência das noções metafórica e simbólica acerca do santuário celestial que vêm ganhando espaço no meio adventista, notando-se as implicações e desafios de tais proposições para a teologia e a prática da Igreja Adventista.

Palavras-chave: teologia adventista, santuário celestial, princípios macro hermenêuticos, historicidade, correspondência

ABSTRACT

“The Macro Hermeneutic Principles of the Heavenly Sanctuary and Their Implications—Part II”— This article is the second of a two-part study that addresses the macro hermeneutical principles of the heavenly sanctuary as claimed in the Holy Scriptures and identifiable in the light of the historicist understanding of the topic. The first part defined the macro hermeneutics and recalled its important connection with the realities of the heavenly sanctuary. It also recognized the existence and meaning of the fundamental principles of ontological, structural and functional correspondences between the heavenly and earthly sanctuaries—as established in the Bible and reaffirmed in the writings of Ellen G. White—emphasizing the macro hermeneutical role of these principles in the constitution and continuation of the Seventh-day Adventist theological system. In this second part, in light of this perspective, sometimes called literal, the emblematic coexistence of metaphorical and symbolic notions about the heavenly sanctuary that has been gaining space in the Adventist milieu is highlighted, noting the implications and challenges of such propositions for the theology and practice of the Adventist Church.

Keywords: Adventist theology, heavenly sanctuary, macro hermeneutical principles, historicity, correspondence

OS PRINCÍPIOS MACRO HERMENÊUTICOS DO SANTUÁRIO CELESTIAL E SUAS IMPLICAÇÕES – PARTE II

Carlos Flavio Teixeira

Introdução

Este artigo é a segunda e última parte de um estudo que trata dos princípios macro hermenêuticos do santuário celestial e suas implicações para a teologia adventista. No artigo anterior, foi destacado que a perspectiva bíblica e de Ellen G. White quanto ao santuário celestial é de que este é uma realidade histórica concreta (existente e ontologicamente caracterizada pelas qualidades de tempo e espaço). A base para essa compreensão é o ensino bíblico de que há uma correspondência ontológica entre a realidade de Deus e seu santuário, a qual foi evidenciada aos seres humanos por meio da relação de correspondência entre o santuário terrestre e o celestial. Essa condição, por sua vez, implica que há uma correspondência estrutural e funcional entre a realidade do santuário terrestre e o seu arquétipo celestial. Depois de recapitular essas pressuposições macro hermenêuticas, foi lembrado que assumi-las, ou não, tem consequências determinantes para a teologia e a práxis adventistas. Nesse contexto, se afigura relevante e necessário refletir sobre os desafios que a perspectiva bíblica histórica (corroborada por Ellen G. White) acerca da ontologia do santuário vem enfrentando no adventismo recente. Esse é o tema de estudos deste segundo artigo que complementa e conclui o material antes apresentado.

Desafios contemporâneos da macro hermenêutica do santuário

Em conformidade com o ensino bíblico e profético, a Igreja Adventista do Sétimo Dia como corpo eclesial reconhece, em sua teologia e na declaração de crença fundamental número 24,¹ a exis-

1. Essa crença se intitula “O ministério de Cristo no santuário celestial” (O ministério de Cristo no santuário celestial). O conteúdo declara: “Há um santuário no Céu, o verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não seres humanos. Nele Cristo ministra em nosso favor, tornando acessíveis aos crentes os benefícios de seu sacrifício expiatório oferecido uma vez por todas na cruz. Em sua ascensão, Ele foi possuído como nosso grande sumo sacerdote e começou seu ministério

tência de um santuário concreto no céu. Declara ter consciência da dificuldade que a maioria dos cristãos têm para entender e aceitar esta verdade, devido à influência dos pressupostos macro hermenêuticos advindos da filosofia grega.² Entretanto, embora esta seja a posição esboçada em seus documentos, o fato é que ao longo de sua trajetória tem emergido posições teológicas dissonantes dessa percepção. Tais proposições têm sido insistentemente expostas e disseminadas, o que tem influenciado teologicamente gerações inteiras de teólogos, pastores e membros de igreja. O histórico conflituoso que envolve o tema do santuário celestial ao longo da história da igreja cristã, alcançando os arraiais adventistas, foi sintetizado da seguinte forma:

A discussão sobre a realidade do santuário celestial tem sido um longo debate entre os estudiosos. Alguns acreditam na realidade do santuário no céu, mas outros negam o conceito e sua existência. Alguns estudiosos tentaram comprometer-lo aceitando o conceito de santuário celestial, mas não a realidade. [...] Houve seis estágios de desenvolvimento na compreensão da realidade do santuário celestial. O primeiro estava em meio a literatura do Oriente Próximo (antes de a Bíblia ser escrita). Havia uma suposição sobre a realidade do santuário celestial.

intercessório, que foi tipificado pela obra do sumo sacerdote no lugar santo do santuário terrestre. Em 1844, no fim do período profético dos 2.300 dias, Ele iniciou a segunda e última etapa de seu ministério expiatório, que foi tipificado pela obra do sumo sacerdote no lugar santíssimo do santuário terrestre. É uma obra de juízo investigativo, a qual faz parte da eliminação final de todo pecado, prefigurada pela purificação do antigo santuário hebraico, no Dia da Expição. Nesse serviço típico, o santuário era purificado com o sangue de sacrifícios de animais, mas as coisas celestiais são purificadas com o perfeito sacrifício do sangue de Jesus. O juízo investigativo revela aos seres celestiais quem dentre os mortos dorme em Cristo, sendo, portanto, nele, considerado digno de ter parte na primeira ressurreição. Também torna manifesto quem, dentre os vivos, permanece em Cristo, guardando os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, estando, portanto, nele, preparado para a trasladação a seu reino eterno. Este julgamento vindica a justiça de Deus em salvar os que creem em Jesus. Declara que os que permaneceram leais a Deus receberão o reino. A terminação do ministério de Cristo assinalará o fim do tempo da graça para os seres humanos, antes do segundo advento. Lv 16; Nm 14:34; Ez 4:6; Dn 7:9-27; 8:13, 14; 9:24-27; Hb 1:3; 2:16, 17; 4:14-16; 8:1-5; 9:11-28; 10:19-22; Ap 8:3-5; 11:19; 14:6, 7, 12; 20:12; 22:11, 12.” “Crenças”, Igreja Adventista do Sétimo Dia, acessado em 14 de janeiro de 2020, <https://www.adventistas.org/pt/institucional/crencas>.

2. Isso pode ser notado no seguinte artigo: Alberto R. Timm, “Recognizing Heavenly Realities”, ANN, 10 de julho de 2013, acessado em 9 de janeiro de 2020, <https://adventist.news/en/news/recognizing-heavenly-realities/>.

O segundo estágio abrange o período bíblico que mostrou a aceitação da realidade deste santuário celestial. No entanto, desde o tempo dos Pais da Igreja primitiva até a era medieval, houve uma negação da realidade do santuário celestial literal. O terceiro estágio foi a restauração do conceito da realidade do santuário no céu. Este período abarcou o tempo da Reforma. O quarto desenvolvimento foi um esclarecimento da realidade do santuário celestial. Esta era foi marcada pelo entendimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre sua existência e o papel de Jesus Cristo no santuário celestial. O último estágio foi a ideia desafiadora da realidade do santuário celestial e de seu conceito. Alguns estudiosos adventistas questionaram a realidade do santuário celestial.³

Uma leitura por amostragem dos principais materiais e autores que têm tratado do tema do santuário celestial, no meio adventista, nos leva a reconhecer a existência de ao menos três perspectivas teológicas sobre o assunto, formulações essas em que os princípios de correspondência são: ora negados (metafórica), ora atenuados (simbólica), ora afirmados (literal). Compare os diferentes cenários teológicos descritos abaixo.

Perspectiva metafórica

Esta perspectiva entende que não existe um santuário no céu, argumentando que as menções bíblicas a esse tema são apenas formas criativas dos escritores bíblicos se expressarem por meio de linguagem figurativa (o que incluiria projeções antropomórficas). Argumenta-se que esse tipo de recurso foi usado a fim de que os humanos pudessem entender mais facilmente as lições teológicas mais profundas acerca da salvação em Cristo. Nesta perspectiva, em geral não há interesse numa discussão sobre a natureza do santuário, já que a priori sua

3. Donny Chrissutianto, "Developing Understanding about the Reality of Heavenly Sanctuary throughout Centuries: An Adventist Perspective", *Abstract Proceedings International Scholars Conference 6*, no. 1 (2018): abstract, acessado em 15 de janeiro de 2020, <https://jurnal.unai.edu/index.php/isc/article/view/1144>. Quanto à afirmação do autor, feita neste estudo, de que o período da Reforma representou um estágio de restauração do conceito da realidade do santuário no céu, é necessário observar em que níveis isso se deu. Estudos em nível macro hermenêutico mostram que os reformadores não romperam com as noções greco-romanas prevaletentes na teologia cristã do período medieval. Isso evidencia que qualquer ruptura que tenha ocorrido em níveis micro e meso hermenêuticos, não foram suficientes para levarem a uma crença num santuário histórico no céu. Isso será retomado adiante neste estudo.

descrição é tida apenas como um recurso alegórico. Em muitos casos, as menções ao santuário são entendidas como uma alegoria da própria presença divina. A divindade (o que inclui a Cristo) seria a realidade “espiritual” significada na “alegoria” do templo divino. Em tal proposta não se admite correspondência ontológica, estrutural, ou funcional na comparação entre santuário celestial e o que existia na terra.

Perspectiva simbólica

Esta perspectiva concorda que existe um santuário no céu, mas propõe que o seu caráter transcendente o torna dessemelhante em natureza a qualquer elemento que se conhece no mundo natural. Desta forma, embora concorde que as menções bíblicas a um santuário celestial de fato afirmem sua existência no céu, supõe que suas descrições são apenas uma forma simbólica de expressar realidades “espirituais” perfeitas que não correspondem ao que se tem no mundo natural. Uma das formas de aplicação dessa perspectiva, a mais radical, defende que as menções ao santuário são formas simbólicas usadas pelos escritores bíblicos para fazer alusão a todo o céu, a complexa e imensurável habitação divina. Outra forma de aplicação dessa mesma perspectiva, a mais atenuada, até concorda que as descrições do santuário celestial sejam alusões a uma habitação divina definida, distinta do céu como um todo, mas ainda assim defende que se trata de alusões simbólicas da habitação de Deus. Ambas as perspectivas ignoram (a primeira de forma total e a segunda de forma parcial) a correspondência ontológica e como consequência se recusam a aceitar a correspondência estrutural entre o santuário do céu e o que existia na terra, limitando-se a admitir algum nível de correspondência funcional entre tais realidades.

Perspectiva literal

Esta perspectiva afirma a existência de um santuário no céu e reconhece sua natureza, detalhamentos e funções, como correspondentes – em termos analógicos – ao santuário cópia que foi revelado a Moisés e construído sob sua orientação. Nesta perspectiva, se interpreta literalmente a natureza e os detalhamentos descritos acerca do santuário celestial, admitindo sua concretude (historicidade) e

superioridade (intensificação)⁴ em relação ao terrestre. Isso por que, como bem lembrou Gerhard F. Hasel, “a tipologia está baseada em conexões históricas e está vinculada ao sentido histórico das Escrituras. Em tipologia bíblica o sentido das palavras, descrições, eventos, ações, instituições, e pessoas tornam-se completamente perceptível através do antítipo”.⁵ Desta forma, se reconhece que a historicidade do santuário celestial foi refletida na caracterização histórica do santuário terrestre. Os santuários que o povo de Deus conheceu eram históricos porque correspondiam, enquanto tipo profético, à historicidade de seu correspondente original, existente no céu. Essa perspectiva, portanto, defende a correspondência ontológica (análoga), estrutural (intensificada) e funcional (dinâmica) do santuário celestial em relação às suas figurações terrestres.

Comparativo de perspectivas macro hermenêuticas sobre o santuário			
Relação princípios / perspectivas	Correspondência ontológica	Correspondência estrutural	Correspondência funcional
Perspectiva metafórica	Não há (mera linguagem alegórica)	Não há	Não há
Perspectiva simbólica	Espiritualização radical (abstração / transcendência)	Não há	Monofásica
	Espiritualização atenuada (dessemelhança)	Não há	Bifásica
Perspectiva literal	Histórica “análoga” (espaço-temporal)	Bipartida (intensificada)	Bifásica (dinâmica)

4. Elias Brasil de Souza, *O Santuário Celestial no Antigo Testamento*, trad. Darcy Propodolski Pinto (Santo André, SP: Academia Cristã, 2014), 432, destaca que “torna-se aparente que prevalece uma intensificação ou escalação do tipo para seu antítipo em relação a esta tipologia vertical. [...] Assim, pode-se concluir que embora o templo/santuário celestial corresponda estruturalmente com o equivalente terrestre, ele é decididamente mais importante que o equivalente terrestre. Uma intensificação do tipo para o antítipo é assim indicada”.

5. Gerhard F. Hasel, “Principles of Biblical Interpretation”, en *A Symposium on Biblical Hermeneutics*, ed. Gordon M. Hyde (Washington, DC: Biblical Research Committee, 1974), 187.

Nota-se que, ao longo da trajetória da Igreja Adventista, a perspectiva literal/tipológica predominou no âmbito teológico. Desde a compreensão esboçada por Hiram Edson,⁶ em 23 de outubro de 1844, passando pelos quadros,⁷ estudos bíblicos e conferências proféticas amplamente realizados pelos pioneiros, houve uma destacável unidade de compreensão quanto ao tema nos primórdios da denominação. Depois de revisar os mais de 400 artigos relacionados ao assunto, por sua vez publicados no *The Present Truth* e no *The Advent Review and Sabbath Herald* de 1849 até 1905, Paul Gordon notou que, “embora observemos discordâncias em pontos de menor importância, também encontramos uma notável unidade geral”.⁸ E conforme se nota em sua exposição, o ponto chave de tal unidade é a historicidade do santuário celestial esboçada, dentre outras, na crença de que “a data de 22 de outubro de 1844 marca o mover de Cristo, nosso Sumo Sacerdote, de sua obra no lugar santo no santuário do céu para o lugar santíssimo”.⁹

Somos informados, a partir da mesma pesquisa, de que “certos escritores primordiais emergem como porta vozes da posição da igreja. Três se destacam sobre os outros – J. N. Andrews, James White, e Uriah Smith. Eles foram os maiores expoentes de nossas crenças e escreveram cerca de 65% dos artigos sobre o tema do santuário”.¹⁰ A

6. No manuscrito intitulado “Life and Experience” (que pode ser encontrado no Advent Source Collection), de autoria do próprio Hiram Edson, na página 9, ele conta que entendeu “que ao invés de nosso Sumo Sacerdote sair do lugar santíssimo do santuário celestial para vir a esta terra no décimo dia do sétimo mês, ao final dos 2300 dias, ele pela primeira vez entrou neste dia no segundo compartimento do santuário e que ele tinha uma obra para realizar no santíssimo antes de vir a esta terra”. A perspectiva de Edson evidencia o caráter histórico das macro pressuposições que ele assumiu, ainda que de modo inconsciente, nesse nível hermenêutico.

7. No mais antigo quadro profético ilustrativo publicado pelos adventistas sabatistas em janeiro de 1851, de autoria conjunta de Samuel W. Rhodes e Otis Nichols, e intitulado “Pictorial Illustrations of the Visions of Daniel & John and their chronology”, tanto na versão inicial quanto na que foi publicada, aparece a perspectiva de dois compartimentos no santuário celestial, tendo Jesus passado do primeiro para o segundo em 1844.

8. Paul A. Gordon, *The Sanctuary, 1844 and the Pioneers* (Hagerstown, MD: Review & Herald, 2000), 9.

9. *Ibid.*, 17.

10. *Ibid.*, 9.

exemplo de seus contemporâneos, White,¹¹ Andrews¹² e Smith¹³ foram expressivos quanto ao ensino bíblico da historicidade do santuário celestial. P. Gerard Damsteegt lembra que “os pioneiros adventistas jamais duvidaram da existência de uma estrutura física real de um santuário celestial bipartido”.¹⁴ E conforme nota Alberto R. Timm, em sua tese doutoral, essa compreensão dos pioneiros tornou-se o pivô para a integração doutrinária dos elementos de verdade que hoje compõem o sistema teológico adventista do sétimo dia. É lembrado que “os sabatistas consideravam Cristo e o santuário celestial como entidades literais”.¹⁵ Desta forma, “a função do santuário no desenvolvimento do sistema doutrinário adventista sabatista foi essencialmente de natureza teológico-histórica”.¹⁶ Isso possibilitou compreender historicamente e integrar teologicamente verdades como:

O segundo advento, o milênio, a nova terra, a lei de Deus, o sábado, o arrependimento, o destino dos ímpios, a obra cristã assistencial, os dons espirituais, a educação cristã, o ministério dos anjos, o batismo,

11. James White, “The Parable, Matthew XXV, 1-12”, *Review & Herald*, 9 de junho, 1851, 101: “Nós não somente cremos num Jesus literal, quem é o ‘Ministro do Santuário’, mas também cremos que o Santuário é literal. [...] Se nós tomarmos a liberdade de dizer que não há uma arca literal, contendo os dez mandamentos no céu, nós podemos ir apenas um passo além e negar a cidade literal e o literal Filho de Deus”.

12. J. N. Andrews, “Signs of the Times”, *Review & Herald*, 28 de agosto de 1853, 61: “Cremos que o tabernáculo celestial se compõe de santos lugares também; e com isso concordamos com o fato de que a palavra traduzida por ‘santuário’ em Heb. 8:2, e ‘mais santo de todos’ no cap. 9:8, 10:19, é plural, literalmente significando santos lugares”.

13. Uriah Smith, “Synopsis of the Present Truth. No. 15 The Sanctuary. (Continued.)”, *Review & Herald*, 18 de fevereiro de 1858, 117: “Talvez alguns estejam prontos a exclamar: você crê que há coisas literais no céu, que há um santuário real lá? Tanto quanto nós cremos que um santuário real sempre existiu nesta terra. Tão literal e real quanto cremos que o antítipo das ofertas, conectado com o santuário seja, nominalmente Jesus, quem ofereceu a si mesmo como o grande sacrifício pelo mundo no Calvário – tão literal e real que nós cremos que o antítipo do Santuário seja em si mesmo”.

14. P. Gerard Damsteegt, “Among Sabbatarian Adventists (1845-1850)”, em *Doctrine of the Sanctuary: A Historical Survey*, ed. Frank B. Holbrook, Daniel & Revelation Committee Series 5 (Silver Spring, MD: Biblical Research Committee, 1989), 43.

15. Alberto R. Timm, *O Santuário e as três mensagens angélicas: Fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas*, 5ta ed. (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2007), 158.

16. *Ibid.*, 121.

normas de vestuário, o juízo, a ceia do Senhor, a justificação pela fé, a reforma de saúde, vida apenas em Cristo, o dízimo, e ordem.¹⁷

Avançando através do desenvolvimento teológico da denominação, até a década de 1950, se afigura predominante a perspectiva de um santuário concreto no céu. Autores como John L. Shuler,¹⁸ na década de 1920; F. C. Gilbert,¹⁹ na década de 30; M. L. Andreasen,²⁰ na década de 40; Herbert E. Douglass,²¹ na década de 70; Robert W.

17. *Ibid.*, 264-265, em citação ao diagrama de Stephen N. Haskell, *The Story of Daniel the Prophet* (South Lancaster, MA: New England Tract Society, 1903), 267.

18. John L. Shuler, *The Great Judgment Day in the Light of the Sanctuary Service* (Washington, DC: Review & Herald, 1923), 37: “O santuário no céu torna claro o plano da salvação. Este é o lugar onde o destino de cada alma é decidido, o lugar onde a gloriosa obra da redenção está agora em fase de conclusão. Ali é, de fato, o centro, ou ‘eixo’ do plano da salvação, do qual irradia cada verdade do evangelho”. Grifos acrescidos. Note os marcadores de espaço e tempo que denotam a perspectiva histórica do autor quanto ao santuário celestial. Como desdobramento dessa perspectiva, o autor reconhece que “este santuário celestial tem dois compartimentos” (*ibid.*, 47) e que, em 1844, “Jesus, nosso grande sumo sacerdote, entrou no compartimento santíssimo do templo celestial, começando neste tempo a última parte de Sua obra interessória pela humanidade, conforme predita no livro de Daniel”. *Ibid.*, 71.

19. F. C. Gilbert, *Messiah in His Sanctuary: A Series of Biblical Studies on the Sanctuary and Its Services, in both Type and Antitype, with Particular Application to the Church Following the Advent Movement of the Years 1834-1844* (Payson, AZ: Leaves-of-Autumn Books, 1937; reimp., 1985), 172, lembra que “a Bíblia declara que em conexão com o santuário levítico, havia dois lugares santos – o santo e o lugar santíssimo. Da mesma forma, acerca do santuário celestial as Escrituras declaram: ‘Ó Deus, tu és tremendo nos teus santuários’ (Sl 68:35)”. Diz ainda que “é evidente que Jesus, nosso grande sumo sacerdote, deveria permanecer no lugar santo do santuário celestial até a vinda do tempo em que Ele deveria completar seu ministério no lugar santíssimo no templo celestial”. *Ibid.*

20. M. L. Andreasen, *O Ritual do Santuário* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1983), 237, declara que “já estudamos em detalhes a questão da purificação do santuário da Terra. Essa purificação era símbolo da purificação do santuário do Céu. Como os sacerdotes ministravam no primeiro compartimento do tabernáculo cada dia do ano, até o grande Dia da Expição, assim também Cristo ministrou no primeiro compartimento do santuário celestial até ao tempo de sua purificação. Esse tempo foi em 1844. Então Cristo passou para a fase final de Seu ministério. Entrou no Santíssimo. Começou então a hora do juízo, também chamada de juízo investigativo. Concluída esta obra, terminará o tempo de graça e Cristo voltará”. Nesta obra publicada originalmente em 1937, embora o capítulo intitulado “A Última Geração” apresente declarações emblemáticas com as quais não se concorda, a perspectiva acerca do santuário celestial segue o viés historicista.

21. Herbert E. Douglass, *Why Jesus Waits: How the Sanctuary Doctrine Explains the Mission of the Seventh-day Adventist Church* (Washington, DC: Review & Herald, 1976), 14, menciona que “nosso Senhor entrou no santuário do universo”. Embora nesta obra o autor esteja mais preocupado com as implicações da doutrina do santuário, indica uma perspectiva de tal santuário como espaço-temporal.

Olson²² e C. Marvyn Maxwell,²³ na década de 80; além de muitos outros, continuaram crendo e ensinando a existência de um santuário concreto no céu, afirmando inclusive a correspondência estrutural e funcional entre o celestial e o terrestre. Contudo, na década de 1950 emergiu no meio adventista a perspectiva simbólica (a princípio bastante discreta) com teólogos como Leroy Edwin Froom,²⁴

22. Robert W. Olson, *101 Questões sobre o santuário e sobre Ellen G. White*, trad. Rosângela Rocha (São Paulo: Centro de Pesquisas Ellen G. White, 1988), 37-38, menciona que o ensino da existência de um santuário concreto no céu, com dois compartimentos “é uma crença sustentada pelos Adventistas do Sétimo Dia em geral”. E questiona respondendo: “É esta uma doutrina bíblica? Nesse caso, em que lugar da Bíblia é ela ensinada? Sim, este é um ensino bíblico. É encontrado em Daniel 7:9, 10, 13, 14; e Hebreus 8:5 e 9:23”.

23. C. Marvyn Maxwell, “Sanctuary and Atonement in SDA Theology: An Historical Survey”, em *The Sanctuary and the Atonement: Biblical, Historical, and Theological Studies*, ed. Arnold V. Wallenkampf e W. Richard Leshner (Washington, DC: Review & Herald, 1981), 523, reafirma sua perspectiva quanto a historicidade do santuário celestial e menciona que, “na literatura ASD [Adventista do Sétimo Dia] o primeiro afastamento do conceito de dois compartimentos veio com o livro *QOD [Questions on Doctrine]* publicado em 1957 para fazer frente aos desafios de Walter Martin. Enquanto o conceito de dois compartimentos pode ser encontrado ainda em muitas obras ASD [Adventistas do Sétimo Dia], há uma tendência em direção ao conceito de dupla fase, conforme evidenciado da declaração de Crenças Fundamentais de 1980”. Segundo o autor, a tendência em sua época já era atenuar o conceito de duplo-compartimento por meio da ênfase única na ideia de dupla-fase.

24. Ao que parece, desde a segunda metade da década de 1950 em diante, foi disseminada a perspectiva simbólica que pode ser notada já em seu estágio elaborado nos pronunciamentos posteriores de Froom. Leroy E. Froom, “Sanctuary Truth Is Key Adventist Doctrine (Part 1)”, *Ministry*, setembro de 1970, 26-27, afirma: “Vamos definir nossos termos. O Santuário Celestial é *real e verdadeiro* [em inglês, *actual and real*], ou apenas uma abstração metafórica, e não uma realidade? Ao considerar isso, não devemos confundir a *realidade e veracidade [actuality and reality] celestiais* com os elementos terrestres e materiais mais grosseiros do nosso mundo físico amaldiçoado pelo pecado (1 Co 15:48, 49). Isso, naturalmente, incluiria a composição do tabernáculo mosaico *terrestre*, feito de ouro da terra, prata, bronze, madeira, linho, pedras, óleo (Êx 25:3-7). Não devemos confundir os dois, pois eles contrastam definitivamente. Em essência, o *real [actual]* representa a realidade em oposição ao meramente figurativo, retórico, metafórico, hipotético. *Real [actual]* é factual, tangível, real [real]. Tudo isso é contra irreal, mítico, imaginário, fantasioso, quimérico, visionário, etéreo. O Santuário Celestial é verdadeiramente real, não uma abstração”. Itálicos no original. Dois meses mais tarde, outra parte do estudo foi publicado em Leroy E. Froom, “Sanctuary Truth Is Key Adventist Doctrine (Part 3)”, *Ministry*, novembro de 1970, 68-72, onde se pontua: “O conceito original da estrutura não teve sua origem na terra. Foi de criação celestial. A de Moisés era apenas uma réplica grosseira – uma cópia terrena, um fac-símile adaptado, uma contraparte acomodada, uma reprodução modificada, uma representação produzida por e para o homem” (p. 70). Com base nessa premissa de dissimilaridade, conclui mais adiante que “o terrestre tinha duas seções” (ibid.), chamando o celestial como um todo de “Grande Realidade” (ibid.) e evitando mencionar qualquer declaração que presuma a existência de seus

perspectiva acompanhada mais tarde por Edward Heppenstall²⁵ na década de 1970, Niels-Erick Andreasen na década de 80,²⁶ por

compartimentos. E fecha a questão se limitando a dizer que “Cristo entrou no lugar santo celestial”. *Ibid.*, 71. Assim, a “Grande Realidade” e o “lugar santo celestial” são formas alternadas de se fazer alusão ao santuário celestial sem correspondência estrutural com o terrestre.

25. Edward Heppenstall, *Our High Priest: Jesus Christ in the Heavenly Sanctuary* (Washington, DC: Review & Herald, 1972). Nessa obra, a sua mais expressiva sobre sua tratativa do santuário, Heppenstall afirma a existência de um santuário no céu, admite sua correspondência funcional em relação ao terrestre, mas evita qualquer menção à existência de dois compartimentos ali. Uma bem notada análise de sua perspectiva pode ser lida em Armando Juárez, “An Evaluation of Edward Heppenstall’s Doctrine of Redemption” (PhD diss., Andrews University, 1991), 226, ponto onde se menciona que: “Ele aceita o ministério de duas fases no santuário celestial. No entanto, ele fala do ministério celestial de Cristo em um sentido funcional, isto é, em vez de falar de Cristo como realizando Seu ministério no lugar santo do santuário celestial, seguindo literalmente o tipo terrestre, ele prefere dizer que Cristo está no lugar mais santo, desempenhando as funções representadas pelo primeiro compartimento”. E assim, “ele propôs um entendimento funcional em vez de mais literal da doutrina do santuário”. *Ibid.*, 227.

26. Niels-Erick Andreasen, “The Heavenly Sanctuary in The Old Testament”, em *The Sanctuary and the Atonement*, 78-79, afirmou que “o relacionamento entre os dois santuários é expresso através da ideia de um padrão, de acordo com o qual o santuário terrestre é modelo a partir do celestial. A correspondência resultante entre os dois santuários não é estritamente material e espacial, no sentido de que o santuário terrestre poderia tomar o ‘lugar’ do celestial. O relacionamento entre eles é funcional ao invés de espacial e material”. Quando lida em seu contexto mais amplo, se percebe que, enquanto a primeira sentença afirma a realidade do santuário celestial, a segunda atenua sua historicidade, num movimento interpretativo característico da perspectiva simbólica.

Gerhard Pfandl²⁷ e Roy Adams²⁸ desde a década de 1990, e mais re-

27. Gerhard Pfandl, “The Reality of the Heavenly Sanctuary”, *Perspective Digest* 19, no. 3 (2014), acessado em 16 de janeiro de 2020, <https://www.perspectivedigest.org/archive/19-3/the-reality-of-the-heavenly-sanctuary>. Partindo da premissa de que “em visões, os profetas frequentemente veem representações do real, mas não o real em si” (revelação), e que “os profetas descrevem em linguagem simbólica o que viram, sem explicar que estão utilizando imagens” (inspiração), argumenta que nas visões do santuário dadas a Moisés e a Davi, o que eles viram não foi o santuário real que existe no céu, mas sim “modelos terrestres do santuário celestial – não edições em miniatura do santuário celestial, mas representações terrenas”. Então, sugere que o que Ellen White viu foi a mesma representação simbólica antes mostrada a Moisés e a Davi, mas não o santuário celestial em si mesmo. Nesse sentido diz: “Por que Ellen White falou sobre dois compartimentos no santuário celestial? Porque, em visão, lhe foram mostrados dois compartimentos, assim como foi mostrado a Moisés uma tenda com dois compartimentos, e a Davi um templo com dois compartimentos”. Ou seja, a descrição profética de dois compartimentos no santuário celestial seria resultado da pedagogia divina e não da revelação (desvelamento, acesso e contato) das realidades celestiais em si mesmas. Por isso, questiona a relação estrutural dizendo: “O santuário celestial tem dois compartimentos, assim como o terreno? Marvin Moore, editor da revista *Signs of the Times*, não pensa assim: ‘Sem o véu no santuário terrestre, haveria apenas um compartimento’. Por que o véu? Seu objetivo era proteger o sacerdote de entrar diretamente na presença de Deus diariamente (ver Lv 16:3). Mas não há necessidade de Jesus, nosso Sumo Sacerdote, ser protegido da exposição à presença de Deus e, portanto, não há necessidade de um véu. [...] O santuário celestial em que Jesus entrou depois de Sua ascensão consiste em um lugar, não dois’. Moore diz corretamente que a cortina divisória não é necessária no templo celestial. Cristo está na presença do Pai desde Sua ascensão (At 7:55; Rm 8:34)”. E procura fechar a questão dizendo que a importância dos dois compartimentos reside na sua “função simbólica. Os dois compartimentos no santuário representavam duas fases no serviço de Cristo”. Por isso, apela que, “em nossa proclamação, vamos nos concentrar no ministério de Cristo em duas fases no santuário celestial, em vez de perder o sono por causa de sua arquitetura ou geografia”. Até chega a mencionar “que nunca devemos espiritualizar o santuário celestial ou equipará-lo ao próprio céu” (como faz a perspectiva metafórica), mas também defende que “uma interpretação literal desses símbolos reduziria essas profecias ao absurdo” (como faz analogicamente a perspectiva tipológica). Intencionalmente ou não, se adota uma perspectiva intermediária focada na questão do “símbolo”, termo que aparece quatro vezes no conteúdo do breve artigo (noção que neste estudo chamamos de perspectiva simbólica).

28. Adams começou seus estudos do tema ao comparar, em sua tese doutoral, as perspectivas de Smith, Albion Fox Ballenger e Andreassen. Roy Adams, “The Sanctuary Doctrine in the Seventh-day Adventist Church: Three Approaches” (PhD diss., Andrews University, 1980). Sua perspectiva pessoal, porém, fica evidente em Roy Adams, *The Sanctuary: Understanding the Heart of Adventist Theology* (Hagerstown, MD: Review & Herald, 1993), 43 e seguintes. Nesse material questiona, já de início, se o “literalismo extremo” na interpretação da doutrina do santuário poderia “distorcer a mensagem que Deus teria para apresentarmos neste tempo para pessoas de cada cultura e de cada persuasão intelectual e filosófica”. *Ibid.*, 43. O conteúdo do livro busca responder um sim para esta questão, considerando “a mais complicada questão o relacionamento, em termos físicos e outros detalhes, entre

centemente por George R. Knight.²⁹ Os proponentes desta perspec-

este ‘modelo miniatura’ (como ele encontrou real expressão no tabernáculo terrestre) e o original celestial em si mesmo”. Ibid., 45. Sua proposta é de que a ideia de padrão (תבנית) “deve ser compreendida primariamente em num nível funcional e teológico mais profundo”. Ibid., 48. Apelando ao que chamou de “instinto espiritual” (ibid., 49), ou “senso de iluminação comum” (ibid., 50), argumenta que “certas coisas seguem o conceito de padrão e outras não. E o que torna a tarefa de discriminar isso, mais frustrante, as vezes é que não há regras hermenêuticas (interpretativas) fixas para se seguir”. Ibid. Sua percepção, então, é que “um vasto percentual daquelas coisas nas Escrituras que implicam um significado mais profundo para nós está expresso em linguagem figurativa, simbólica”. Ibid. Desta forma, “a aparência física do tabernáculo/Templo terrestre não nos permite dogmatizar a aparência física do original celestial. Isso mostra que a abordagem mais segura é concentrar-se no significado teológico, em vez de na especificação estrutural”. Ibid., 55. Mais adiante, Adams critica o que chamou de “tendência a concretizar o relacionamento, compreendê-lo em termos de uma correspondência literal com o celestial original” (ibid., 62) e faz isso com base na premissa do cardeal católico Avery Dulles (1918-2008), quem propôs que “o intérprete deveria pesquisar por meio de princípios críticos que levem a uma acurada discriminação entre a aplicação válida e inválida das imagens”. Ibid., 63. Mais adiante conclui que, “alinhado com este ponto de vista, eu sugeriria que nós não devemos conceber o santuário terrestre como uma reprodução em escala ou réplica da realidade celestial. Ao invés disso, o relacionamento deveria ser primariamente em termos de ‘correspondência funcional’, provendo-nos com ‘ferramentas conceituais e vocabulário’. Em outras palavras, a forma terrestre coloca palavras (‘vocabulário’) em nossos lábios, permitindo-nos falar sobre o indizível, compreender o incompreensível, ainda que vagamente”. Ibid., 64. Embora Adams esclareça que “dizer que algo é figurativo ou não literal não é negar que há uma realidade palpável por trás disso” (ibid., 67), ao falar de tais realidades menciona que a linguagem que as apresenta “é um chamado à contemplação, não à racionalização”. Ibid., 70. E para deixar claro que sua perspectiva não se alinha à metafórica, declara estar ciente do “perigo do espiritualismo. Não simplesmente o tipo de espiritualismo envolvendo uma crença na sobrevivência consciente após a morte, mas invés disso o sistema de crença que tende desmaterializar as coisas da maneira que faziam os antigos filósofos gregos, especialmente Platão, quem rebaixou todas as coisas físicas e materiais. [...] Isso é porque eu não visualizo um santuário celestial vazio”. Ibid., 71. Nota-se, portanto, que a perspectiva de Adams se situa entre a literal e a metafórica. Ao se manifestar sobre a perspectiva reconhecidamente literal dos pioneiros adventistas, ele menciona que “a linguagem de nossos pioneiros neste tema [geografia celestial] não precisa nos embaraçar. Eles não foram teólogos formais, mas homens e mulheres ordinários do século XIX dirigindo-se a uma audiência da Nova Inglaterra do século XIX não particularmente dada a pensar em termos filosóficos, abstratos. De fato, a primeira metade do século XIX era um tempo que os cristãos conservadores desprezavam filosofia e pensamento abstrato. Eles foram pessoas práticas com uma mentalidade prática. [...] Foi assim que, na providência de Deus, eles foram levados a recorrer ao literalismo cru e vívido do típico serviço antigo”. Ibid., 111-112. Diz ainda que “o problema vem quando nós temos a impressão que 140 anos mais tarde nós hoje estamos obrigados a expressar esta verdade particular em idêntica linguagem que eles empregaram”. Ou seja, “confinar nosso impecável sumo sacerdote em uma seção do santuário celestial – assumindo que houve literalmente um tal lugar – por 1800 anos seria incompatível e intolerável”. Ibid., 113.

29. George R. Knight, *Turn Your Eyes Upon Jesus* (Hagerstown, MD: Review

tiva argumentam ser esta a noção que evita o que consideram ser, de um lado o extremo do literalismo, e de outro a negação da existência do santuário no céu. Para eles, é necessária uma interpretação mais atualizada sobre o assunto, a qual considere os avanços da teologia adventista. Nesse sentido, há um incentivo pela busca da essência da mensagem relacionada com aquele santuário – a qual propõem ser sotiriológica – apelando-se ao simbolismo como via intermediária para sua compreensão considerada mais apropriada à luz do desenvolvimento teológico mais recente.

Mais tarde, na década de 1980, tornando o cenário interpretativo ainda mais emblemático, entrou em cena a perspectiva metafórica na

& Herald, 2013), no devocional de 27 de novembro, comenta que “Hebreus 8 utiliza Êxodo 25 como fundamento para sua apresentação do santuário celestial, ou o ‘verdadeiro tabernáculo’, que proveu o ‘padrão’ para o santuário do deserto e seus serviços, os quais eram somente uma ‘cópia e sombra’ das realidades celestiais (Heb 8:5, NKJV)”. Mais adiante explica que, ao fazer isso, “o que o livro de Hebreus está argumentando é que o ministério de Cristo é a coisa real enquanto o ministério levítico era meramente uma ilustração que apontava em direção a Sua obra futura”. Ao falar do santuário celestial enfatizando a dessemelhança com seu correspondente terrestre, Knight evita mencionar alguns elementos de sua historicidade. A razão disso fica mais clara em outra obra sua, já antes publicada: George R. Knight, *The Apocalyptic Vision and the Neutering of Adventism* (Hagerstown, MD: Review & Herald, 2009), na qual o autor opina que “primeiro, criamos problemas na teologia do santuário, colocando ênfase indevida na geografia do santuário. Segundo, estamos indo na direção errada quando lemos Hebreus como se estivesse propondo a teologia adventista ou argumentando contra ela. Hebreus tem sua própria agenda. Terceiro, é errado projetar a cronologia em Hebreus 9. A maior parte da dificuldade do adventismo com sua teologia do santuário se centra nessas três áreas”. *Ibid.*, 75. Note que em seu diagnóstico quanto às controvérsias que de fato envolvem a doutrina do santuário, Knight emite sua opinião e deixa nas entrelinhas sua proposta para resolução do problema. Ainda que implicitamente, ele atenua a historicidade do santuário celestial ao minimizar sua correspondência ontológica com o santuário terrestre – note a rejeição dos elementos de espaço (“geografia”) e de tempo (“cronologia”) presentes em seu argumento –, chegando a sugerir que a insistência nessas questões representa um problema na forma de se fazer teologia.

versão proposta por teólogos como Desmond Ford³⁰ e Dale Ratzlaff,³¹ os quais reascenderam no crepúsculo do segundo milênio o ideal de negação da literalidade do santuário, já antes embrionados nas antigas ideias de D. M. Canright, Albion Fox Ballenger, W. W. Fletcher, Louis Richard Conradi e E. B. Jones.³² Uma década do legado de Ford

30. Desmond Ford, que em seu documento de 992 páginas, intitulado “Daniel 8:14, the Day of Atonement, and the Investigative Judgment”, cujo conteúdo foi objeto de discussão em Glacier View em Denver, Colorado, no verão de 1980, declara que “não é legítimo estabelecer uma doutrina fundamental sobre tipos ou símbolos” (p. 471) além de insistir que “o esquema de dois compartimentos [santo e santíssimo no santuário celestial]. [...] já não está mais em uso”. Ibid., 540. Ford chega a essa conclusão depois de metaforizar o significado de τὰ ἄγια em Hebreus. Ele diz que em Hb 9:8 é “impossível sustentar que o termo abranja os dois compartimentos” (ibid., 165), o que o leva a sustentar que “o primeiro compartimento representa o período antes da cruz, mas o segundo compartimento representa o período após a cruz”. Ibid., 167. Nessa perspectiva o elemento espaço é eliminado e o de tempo é metaforizado ao ser desconectado com as figuras tipológicas do ritual do santuário terrestre e das profecias de tempo de Daniel. Chama a atenção o fato de que a Declaração de Consenso intitulada “Christ in the Heavenly Sanctuary”, elaborada em resposta a estas negativas de Ford, tenha se limitado a afirmar o macro pressuposto temporal da perspectiva historicista adventista, omitindo-se quanto ao seu aspecto espacial. Fala-se de “fases”, mas não de “lugares” do santuário celestial. A íntegra do documento pode ser lido em “Appendix E”, em *Doctrine of the Sanctuary*, 225-233.

31. Ratzlaff é um ex adventista que foi pastor e professor de Bíblia por algum tempo. Primeiro metaforizou a compreensão do santuário. Mais tarde, porém, chegou “à conclusão de que a doutrina adventista do santuário (O Julgamento Investigativo de 1844) era não somente não-bíblica, mas também contrária ao evangelho da graça da nova aliança”. Dale Ratzlaff, “Dale Ratzlaff Testimonial”, acessado em 3 de fevereiro de 2020, <https://www.nonsda.org/egw/mystory2.shtml>.

32. Arnold V. Wallenkampf, “A Brief Review of Some of the Internal and External Challenges to the Seventh-day Adventist Teachings on the Sanctuary and the Atonement”, em *The Sanctuary and the Atonement*, 582 e seguintes, nos informa que: (1) Canright primeiro alegou que o ensino do santuário celestial derivava da compreensão de Owen R. L. Crosier e não da Bíblia e de Ellen G. White, passando mais tarde à rejeição absoluta de sua historicidade e toda a doutrina, com o conseqüente abandono da fé adventista. (2) Ballenger, por sua vez, ao rejeitar a interpretação historicista dos textos de Daniel, propôs que a primeira fase do ministério de Cristo no santuário celestial ocorreu depois do pecado e antes da cruz, estando a segunda fase ocorrendo após a ascensão; perspectiva metaforizada que o levou a rejeitar todo o ensino historicista do tema, por fim deixando a Igreja. (3) Acerca de Fletcher é dito que ele rejeitava a historicidade do santuário celestial, e sua metaforização do assunto o levou a defender que o santuário a ser purificado seria o planeta Terra. (4) Sobre Conradi somos informados de que ele divergiu da interpretação histórica acerca do santuário celestial e juízo investigativo, interpretando metaforicamente Dn 8 e Ap 14, o que também resultou no abandono das doutrinas e da Igreja Adventista. (5) Por último, acerca de Jones é dito que ele defendeu que o véu do santuário que foi rasgado é a carne de Cristo, e nesse nível de alegorização ele “se opôs a uma divisão do santuário celestial em dois compartimentos”. Ibid., 592. Nota-se que o ponto de convergência do pensamento dos cinco personagens citados é a metaforização do santuário celestial, decorrente da

produziu seus resultados. Donald Karr Short,³³ por exemplo, metafizou a compreensão do santuário celestial de forma a eliminar os elementos de tempo e espaço, fazendo-o de forma bastante alinhada à perspectiva espiritualista comum no meio evangélico.

Conforme se nota, desde a emergência das perspectivas simbólica e metafórica como alternativas à perspectiva literal, no meio adventista, as três perspectivas são notadas em coexistência no âmbito teológico, muito embora teólogos como Timm,³⁴ Elias Brasil de Souza,³⁵ Damsteegt,³⁶ Hasel,³⁷ Norman R. Gulley,³⁸ Richard

negação total ou parcial de sua historicidade, bem como a dificuldade em aceitar – sem restrição – o dom de profecia manifesto em Ellen G. White.

33. Donald Karr Short, *“Then Shall the Sanctuary Be Cleansed”: A Distinctive Message for Adventists “at the Time of the End”* (Paris, OH: Glad Tidings, 1990), 51-52, defendeu na época que “adventistas tem há muito confundido o céu com ouro, prata e pedras preciosas – materialismo grosseiro”. Alegou que “cristãos em geral apelam ao ego para fazer o que é correto no intuito de receber a recompensa, e evitar o erro de forma a escapar da punição eterna. Mas isso é o apelo de todas as outras religiões do mundo, sejam pagãs, filosóficas ou outras”. Argumentou que, diante disso, “adventistas do sétimo dia são chamados a uma muito superior compreensão por si mesmos e para transmitir isso ao mundo, caso contrário não têm razão para existir”. Nessa linha, propõe uma compreensão espiritualizada do amor de Cristo como base para compreensão do santuário e que “isso provê um ambiente espiritual que faz o materialismo do céu desaparecer, fazendo com que sua localização se torne de pouca importância”.

34. Ver, por exemplo, o conteúdo de Alberto R. Timm, “The Sanctuary Motif within the Framework of the Great Controversy”, em *The Cosmic Battle for Planet Earth: Essays in Honor of Norman R. Gulley*, ed. Ronald A. G. du Preez e Jiri Moskala (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2003), 69-84.

35. Elias Brasil de Souza, *O santuário celestial no Antigo Testamento*, trad. Darcy Propodolski Pinto (Santo André, SP: Academia Cristã, 2014), 429-430, conclui sua tese doutoral destacando os “três aspectos que foram observados na relação e correspondência entre o templo/santuário celestial e seu equivalente terrestre. Primeiro, percebeu-se que há uma relação dinâmica, ou seja, o templo/santuário celestial interage com, e afeta os procedimentos do templo terrestre. Segundo, há uma correspondência funcional entre os santuários celestial e terrestre, na qual ambos executam funções correspondentes. Terceiro, algumas passagens sugerem uma correspondência estrutural entre o templo/santuário celestial e seu correspondente terrestre”. Disso se infere “que o templo/santuário celestial é um lugar no céu e, portanto, não deveria ser interpretado como uma metáfora para a presença de YHWH ou como uma realidade de extensão igual ao céu”. *Ibid.*, 435.

36. P. Gerard Damsteegt, “The Sanctuary and Adventist Experience”, *Ministry*, outubro de 1994, 34-38.

37. Note o conteúdo de Gerhard F. Hasel, “O ‘Chifre Pequeno’, o Santuário Celestial e o Tempo do Fim: um estudo de Daniel 8:9-14”, em *Estudos sobre Daniel: Origem, unidade e relevância profética*, Série Santuário e Profecias Apocalípticas 2, ed. Frank Holbrook (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2009):311-382.

38. A perspectiva historicista é bem expressiva em: Norman R. Gulley, *Systematic Theology: Creation, Christ, Salvation* (Berrien Springs, MI: Andrews University

M. Davidson,³⁹ William H. Shea,⁴⁰ dentre outros, tenham dado importante contribuição para a consolidação da perspectiva histórico-tipológica em tempos recentes. No âmbito da liderança mundial da igreja, em geral parece haver uma convergência quanto à crença bíblica da historicidade do santuário celestial. Os pronunciamentos da presidência⁴¹ e do Instituto de Pesquisas Bíblicas⁴² têm sido expressamente claros nessa questão. Já em outros níveis da organização não tem sido comum manifestações mais diretas quanto a tais temas, o que dificulta ter uma noção se os líderes locais e regionais seguem ou não na mesma direção e em que nível se dá esse direcionamento. Contudo, quanto aos membros da igreja, a percepção que se tem é que a

Press, 2012): “Há um santuário no céu com dois compartimentos assim como o tipo no santuário terrestre” (p. 493), ou seja, “assim como havia dois compartimentos no santuário terrestre, também existem dois compartimentos no santuário celestial”. *Ibid.*, 497. Gulley trata amplamente do tema nos volumes 2 e 3 de sua teologia sistemática.

39. Duas das obras de Davidson tratam do tema mais diretamente, sendo a primeira um manuscrito não publicado e a segunda sua tese doutoral. Ver Richard M. Davidson, “The Heavenly Sanctuary in the Old Testament” (manuscrito não publicado, 1970); Richard M. Davidson, *Typology in Scripture: A Study of Hermeneutical Τύπος Structures*, Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series 2 (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1981).

40. Interessantes contribuições de Shea podem ser notadas em: William H. Shea, *Estudos Seleccionados em Interpretação Profética*, Série Santuário e Profecias Apocalípticas 1, ed. Frank Holbrook (Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2007). Ver também William H. Shea, “Dimensões Espaciais na Visão de Daniel 8”, em *Estudos sobre Daniel*, 411-434.

41. Note, por exemplo, a assertividade com que Ted Wilson trata do assunto em uma publicação veiculada na coluna *Presidential Perspectives*. Lá ele aponta que “os adventistas do sétimo dia sempre afirmaram o ensino bíblico de que existe um verdadeiro santuário no céu que serviu de padrão para o santuário/templo de dois compartimentos na Terra (Hebreus 8:1, 2). No final dos 2.300 ‘dias’ proféticos ou anos, Daniel vê ‘Um como o Filho do Homem’ (Jesus) vindo com as nuvens do céu para o ‘Ancião dos Dias’ (o Pai) para iniciar o trabalho de juízo investigativo. Portanto, podemos ter certeza de que o santuário celestial é muito grande e muito mais glorioso do que qualquer templo terrestre ‘feito com as mãos’. Também podemos ter certeza de que naquele tempo Jesus se mudou de um local no santuário celestial para outro, assim como o sumo sacerdote no Dia da Expição entrava no lugar mais sagrado do santuário terrestre para começar o trabalho de limpeza do santuário. Cristo foi do Lugar Santo no santuário celestial para o Lugar Santíssimo no santuário celestial. O santuário celestial é real, pois é o modelo a partir do qual o santuário terrestre foi modelado”. “Does the heavenly sanctuary have two apartments, or are these ‘phases?’”, *Presidential Perspectives*, acessado em 14 de janeiro de 2020, <https://www.pastortedwilson.org/uncategorized/does-the-heavenly-sanctuary-have-two-apartments-or-are-these-phases/>.

42. Ver Ángel Manuel Rodríguez, “Is the Heavenly Sanctuary Really Real?”, *Biblical Research Institute*, acessado em 14 de janeiro de 2020, <https://adventistbiblicalresearch.org/materials/theology-sanctuary/heavenly-sanctuary-really-real>.

essa altura seja predominante a perspectiva metafórica, embora isso careça de verificação empírica. O inegável fenômeno da “espiritualização” já bem acomodado na teologia cristã parece ter ganhado espaço na mentalidade adventista e isso vem se estendendo, também, para a compreensão do santuário celestial.

Importante notar, no entanto, que embora as perspectivas simbólica e metafórica tenham ganhado espaço no meio teológico adventista a partir da década de 1950, elas não eram novas no meio cristão em geral. Basta notar as perspectivas de Martinho Lutero⁴³ e João Calvino⁴⁴ acerca das menções bíblicas a um santuário celestial, e, mais

43. A noção do Reformador quanto santuário celestial pode ser notada em seus embates eclesiásticos para defender que “o sacerdócio de Cristo não foi transferido nem para Pedro nem para o papa”. Martinho Lutero, *Obras selecionadas*, vol. 1, *Os primórdios: Escritos de 1517 a 1519*, 2da ed. (São Leopoldo: Sinodal, 2004), 217. Nesse contexto, Lutero afirma que “é evidente que a prefiguração e o cumprimento da prefiguração se relacionam mutuamente como uma coisa corporal e uma espiritual ou como uma coisa exterior e uma interior”. Nessa perspectiva de opostos ontológicos, defende sua perspectiva espiritualizada de Cristo e do santuário celestial, e isso pode ser notado ao interpretar o texto de Hb 9:6 e seguintes na obra: Martinho Lutero, *Obras selecionadas*, vol. 2, *O programa da Reforma: Escritos de 1520*, 2da ed. (São Leopoldo: Sinodal, 2000), 220, onde pontua: “Paulo fala que Cristo não entrou numa construção temporal; tu dizes que ele está na construção temporal em Roma. Paulo fala que ele entrou uma vez e descobriu redenção eterna, torna completamente espiritual e celestial a figura que tu tornas terrena e corporal”. E conclui que Cristo “reina e consagra em assuntos celestiais e espirituais” e por isso seu sacerdócio “consiste em coisas espirituais, através das quais interpela por nós no céu perante Deus”. *Ibid.*, 444. A mesma noção pode ser notada nos comentários de Hb 8 e 9, na obra: Martin Luther, *Luther's Works*, vol. 29, *Lectures on Titus, Philemon, and Hebrews*, ed. Jaroslav Pelikan and Walter A. Hansen (Saint Louis, MO: Concordia, 1968), 216-217.

44. Note os comentários de Calvino acerca de três textos que tratam do santuário celestial em Hebreus, por sua vez expressos na obra: Jean Calvin, *Commentaries on the Epistle of Paul the Apostle to the Hebrews*, ed. J. Owen (Edinburgh: Calvin Translation Society, 1853). (1) Quanto a Hb 8:2, Calvino comenta: “O que o apóstolo quer dizer ao localizar o sacerdócio de Cristo no céu? [...] A tudo isso, respondo que tudo o que de natureza terrena parece à primeira vista estar em Cristo, deve ser visto espiritualmente pelos olhos da fé. Assim, sua carne, que procedeu da semente de Abraão, uma vez que era o templo de Deus, possuía um poder vivificante; sim, a morte de Cristo se tornou a vida do mundo, que certamente está acima da natureza. O apóstolo, portanto, não se refere ao que pertence particularmente à natureza humana, mas ao poder oculto do Espírito; e, portanto, é que a morte de Cristo não tem nada terrestre nela. Quando, portanto, falamos de Cristo, aprendemos a elevar todos os nossos pensamentos ao reino de Deus, para que não restem dúvidas em nós”. *Ibid.*, 180. (2) Quanto a Hb 9:11, Calvino diz: “Mediante um maior e mais perfeito tabernáculo, etc. Embora esta passagem seja explicada de várias maneiras, já não tenho dúvidas que ela se refere ao corpo de Cristo; pois, como anteriormente havia acesso do sumo sacerdote levítico ao santo dos santos através do santuário,

recentemente, de autores influentes que seguem a mesma linha, como

assim Cristo, através de seu próprio corpo, entrou na glória do céu; pois, como ele havia se colocado em nossa carne e nela sofreu, obtendo por si mesmo esse privilégio, ele deveria aparecer diante de Deus como um mediador em nosso favor. Em primeiro lugar, a palavra santuário é aplicada de maneira apropriada e adequada ao corpo de Cristo, pois é o templo no qual toda a majestade de Deus habita. Diz-se ainda que ele fez um caminho para nós por meio de seu corpo ao ascender ao céu, porque naquele corpo ele se consagrou a Deus, ele se tornou nele santificado para ser nossa verdadeira justiça, ele preparou a si mesmo neste corpo para oferecer um sacrifício; em uma palavra, ele se fez sem reputação e sofreu a morte da cruz; portanto, o Pai o exaltou muito e lhe deu um nome acima de todo nome, para que todo joelho se dobrasse a ele (Fil. 2:8-10.) Ele então entrou no céu por meio de seu próprio corpo, porque por isso é que agora ele está sentado à mão direita do Pai; por esse motivo, ele intercede por nós no céu, porque ele se revestiu de nossa carne e a consagrou como um templo a Deus Pai, e nela santificou a si mesmo para obter para nós uma justiça eterna, tendo feito uma expiação por nossos pecados”. Ibid., 202. E para que não ficasse dúvida quanto ao caráter “espiritual” do corpo de Cristo, Calvino afirma em seguida que “pode parecer estranho que ele [Paulo] negue que o corpo de Cristo seja deste edifício [terrestre]; pois, sem dúvida, ele procedeu da semente de Abraão, e estava sujeito a sofrimentos e à morte. A isto, respondo que ele não fala aqui de seu corpo material, ou do que pertence ao corpo como tal, mas da eficácia espiritual que emana dele para nós. Pois enquanto a carne de Cristo é vivificante e é um alimento celestial para nutrir almas, tanto quanto seu sangue é uma bebida espiritual e tem um poder de limpeza, não devemos imaginar nada terrestre ou material como estando neles. E então devemos lembrar que isso é dito em alusão ao antigo tabernáculo, que era feito de madeira, latão, peles, prata e ouro, que eram coisas mortas; mas o poder de Deus fez da carne de Cristo um templo vivo e espiritual”. Ibid., 203. (3) Quanto a Hb 9:23-24 propôs que, “como o padrão celestial não permite nada terrestre”, então “ele [Paulo] chama o reino de Cristo de *coisas celestiais*, pois é espiritual e possui uma revelação completa da verdade”. Ibid., 214-215. Itálicos no original. Além disso, quando ao fato de Jesus ter entrado, explica que “ele falou do verdadeiro santuário, o celestial; ele agora acrescenta que Cristo entrou lá. Daqui resulta que é necessária uma confirmação adequada. Os *lugares sagrados* que ele leva para o santuário, ele diz que *não é feito com as mãos*, porque não deve ser classificado com as coisas criadas que estão sujeitas à deterioração; pois ele não significa aqui o *céu* que vemos e no qual as estrelas brilham, mas o reino glorioso de Deus que está acima de todos os céus. Ele chama o antigo santuário de *ἀντίτυπον*, o anti-tipo do verdadeiro, isto é, do espiritual; por todas as figuras externas representadas como um espelho o que de outra forma estaria acima de nossos sentidos corporais. Os escritores gregos às vezes usam a mesma palavra ao falar de nossos sacramentos, e com sabedoria e adequação, pois todo sacramento é uma imagem visível do que é invisível”. Ibid., 215-216. Itálicos no original. Desta forma, Calvino entendia que o santuário celestial é o corpo espiritualizado de Cristo e que as coisas celestiais em meio às quais ele ministra é o reino espiritualizado de Deus, no céu.

G. K. Beale⁴⁵ e Kevin Vanhoozer,⁴⁶ dentre outros. O que se afigura intrigante, no entanto, é notar a adoção dos elementos espiritualizantes de tais perspectivas por alguns teólogos adventistas. E por questão de justiça deve-se reconhecer aqui que nenhum deles mostra ter feito isso mal-intencionado ou mesmo consciente do estranhamento e inadequação de tais empréstimos à doutrina adventista do santuário e, consequentemente, à teologia adventista, que desde seus primórdios é bíblico-histórica.

Contudo, mesmo a boa intenção desses estudiosos não isentou sua opção macro hermenêutica de graves desdobramentos para a compreensão adventista do santuário celestial e doutrinas a ele conexas. A influência espiritualizante dessas perspectivas têm tido um nível preocupante de impacto na teologia e sua resultante prática eclesial, ambas decorrentes da compreensão desse tema. Devido ao escopo deste artigo, fica para um outro estudo os desdobramentos dessas perspectivas alternativas acerca do santuário celestial para a identidade e missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

45. Na perspectiva de G. K. Beale, o santuário celestial mencionado em Hebreus é uma metáfora para a própria pessoa de Jesus Cristo no fim dos tempos. A argumentação nesse sentido pode ser lida em G. K. Beale, *The Temple and the Church's Mission: A Biblical Theology of the Dwelling Place of God* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005), 293-312. Em outra obra editada por Beale e Carson, é dito por George H. Guthrie que “o Autor [de Hebreus] desenvolveu certas ideias do AT na estrutura apocalíptica judaica, enquanto Filo desenvolveu os mesmos temas numa estrutura platônica. Na apocalíptica judaica, existem os dualismos temporal e espacial”. Nessa linha de raciocínio, conclui que, “assim, a referência de Hebreus ao tabernáculo celestial, do qual o tabernáculo terreno foi copiado, diz respeito ao lugar de habitação celestial permanente de Deus, ao contrário do tabernáculo terreno, que foi apenas sua habitação temporária, provisória”. Portanto, “a entrada de Cristo no tabernáculo celestial corresponde à sua entrada na presença de Deus, no reino celestial, onde intercede por nós. Para Hebreus, portanto, o tabernáculo celestial é escatológico e também é o contexto da nova aliança estabelecida entre Deus e seu povo pelo sacrifício de Cristo como nosso sumo sacerdote (7.25; 9.24)”. George H. Guthrie “Hebreus”, em *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*, ed. G. K. Beale e Donald A. Carson, trad. C. E. S. Lopes et al. (São Paulo: Vida Nova, 2014), 1191.

46. Kevin J. Vanhoozer, *Faith Speaking Understanding: Performing the Drama of Doctrine* (Louisville, KY: Westminster John Knox, 2014). Uma leitura atenta das páginas 207-227 dá uma ideia de sua noção quanto ao santuário celestial. Embora afirme que Jesus entrou no “templo-palácio de Deus” (p. 257), Vanhoozer interpreta esse santuário de forma ambígua como sendo o céu e o próprio Cristo, ambos vistos de forma espiritualizada. O céu é o palco em que, segundo ele, ocorre o “clímax do teodrama” encenado por Cristo. *Ibid.*, 211. E fecha a questão ao mencionar que, “por ‘celestial’ nós queremos dizer a esfera de governo de Cristo’, a qual está sempre presente na terra, como também está no céu”. *Ibid.*, 224.

Resumo e conclusões

Percorrido o trajeto proposto em ambos os artigos que compõem este estudo, embora se reconheça os limites de abordagem feita, pode-se voltar agora às questões levantadas a princípio: (1) Há um santuário real no céu? (2) Qual sua natureza? (3) Que importância isso tem para os adventistas do sétimo dia?

Essas questões foram analisadas de uma perspectiva hermenêutica que considerou a existência dos três níveis implicados na interpretação, focando sua atenção ao papel das pressuposições macro hermenêuticas que dirigem o processo de aproximação, compreensão e aplicação da Bíblia. Nessa ótica, para responder à primeira questão foi mostrado que o texto bíblico é claro quanto a existência de um templo celestial. No AT e NT está presente o ensino da realidade e concretude do templo de Deus. Além disso, a própria Bíblia deixa evidente que a natureza desse santuário é histórica (espaço-temporal). Para revelar isso aos humanos, Deus apresentou que seu templo guarda correspondência (horizontal) histórica com as demais realidades celestes, ou seja, o santuário celeste é histórico assim como o próprio Deus e as demais realidades do céu são históricas. E isso foi evidenciado por meio das figurações de correspondência (vertical) vistas no santuário terrestre, cuja compreensão reivindica a historicidade análoga dessas realidades. Como desdobramento disso, a Bíblia reivindica também as correspondências estrutural e funcional entre os santuários celestial (o antítipo) e o terrestre (seu tipo profético).

Em seguida, foi mostrado que a perspectiva de Ellen G. White corrobora, em todos os níveis hermenêuticos, os mesmos princípios bíblicamente reivindicados acerca do santuário celestial. Na sequência foi inferido que as três realidades, chamadas de princípios de correspondências – ontológica, estrutural e funcional –, por estarem estabelecidas bíblica e profeticamente, funcionam como diretivas para interpretação do santuário “conforme” sua realidade revelada. São, portanto, critérios macro hermenêuticos fundamentais e, como tais, norteiam também a compreensão das demais doutrinas conexas ao santuário (como por exemplo: ser humano, pecado, expiação, igreja, vida cristã, eventos finais, etc.).

Nesse contexto foi mencionado os desafios contemporâneos enfrentados quanto ao tema e o seu conseqüente risco para o sistema teológico adventista. Foi notado que muitos novos conversos e até mesmo alguns teólogos adventistas têm dificuldades em reconhecer

esses princípios porque adotaram – ainda que imperceptivelmente – elementos de outras fontes de dados teológicos que os têm distanciado dos macro pressupostos reivindicados pelas Escrituras Sagradas. Talvez, como já constatado,

a influência da filosofia grega e platônica que ensina que as coisas materiais são inferiores tendeu a nos levar a considerar as descrições do templo celestial como mera linguagem metafórica. Muitas vezes, as pessoas imaginam o céu como uma espécie de lugar etéreo. No entanto, a visão bíblica do mundo material é diferente, pois quando Deus criou a terra, Ele disse que era tudo muito bom (Gênesis 1:31). Não importa quão estranho seja para o nosso pensamento, se um entendimento literal do templo celestial é apoiado pelas Escrituras, então podemos ter que admitir que a filosofia platônica não é a melhor maneira de interpretar a Bíblia.⁴⁷

Foi destacado ainda que os efeitos perceptíveis dessas influências macro hermenêuticas, extra bíblicas, no nível teológico, tem sido a adoção das perspectivas metafórica (espiritualismo radical) e simbólica (espiritualismo atenuado), como alternativas à compreensão literal (historicidade análoga) do santuário celestial. Isso, no entanto, é apenas a ponta do iceberg. Ao que parece, as principais consequências, para igreja, advindas do desconhecimento ou erros quanto à teologia do santuário tem sido ainda mais ampla e tem envolvido: mudança da visão hermenêutica (pressupostos teológicos), mudança no fundamento da teologia – reconfiguração do *sola Scriptura* (fontes e métodos), mudança na compreensão da Igreja acerca de si mesma (identidade e missão), e mudança na prática ministerial (ministério).⁴⁸

Nesse contexto, o estudo propõe que não basta aos adventistas declararem sua fé na existência de um santuário no céu. É necessário também situar, em termos macro hermenêuticos, que tipo de existência é essa na qual se crê e acerca da qual se ensina. Mesmo que a pessoa rejeite a perspectiva metafórica, isso não é suficiente para se evitar os perigos de um “espiritualismo atenuado”, notado na perspectiva simbólica. Se seguir essa linha, mais cedo ou mais tarde o leitor-intérprete das Escrituras, mesmo inconscientemente, será levado a aplicar

47. M. Rasell, *Exploring the Heavenly Sanctuary: Understanding Seventh-day Adventist Theology* (Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2011), 29.

48. Fernando L. Canale, “From Vision to System: Finishing the Task of Adventist Theology – Part I: Historical Review”, *Journal of the Adventist Theological Society* 15, no. 2 (2004): 15-33.

o mesmo pressuposto macro hermenêutico na compreensão de doutrinas conexas ao santuário.

Em resumo, depois de um olhar voltado às Escrituras, em seguida a Ellen G. White, e por fim, ao contexto interno adventista, resta um olhar para fora de nossas fronteiras. Ali, até mesmo observadores externos descomprometidos com o adventismo reconheceram que, “com sua ênfase nos detalhes literais de geografia celestial e pessoal, a doutrina do santuário também proveu uma muralha de proteção adicional contra interpretações espiritualistas do reino divino”.⁴⁹ Se até os observadores externos entendem a importância da questão, quanto mais devem os próprios adventistas atentarem para tais realidades. Isso nos coloca a todos na responsabilidade de não apenas reconhecer, mas também de observar as macro pressuposições históricas (ontológica, estrutural, funcional) do santuário celestial em nossa vivência da fé cristã adventista.

Como bem alertou Ellen G. White, mais do que nunca antes,

todos nós precisamos manter em mente o assunto do santuário. Deus não permita que o barulho de palavras vindas dos lábios humanos diminua a crença de nosso povo na verdade de que existe um santuário no céu, e que um padrão desse santuário já foi construído nesta terra. Deus deseja que Seu povo se familiarize com esse padrão, mantendo sempre diante de suas mentes o santuário celestial, onde Deus é tudo e em todos. Devemos manter nossa mente preparada pela oração e um estudo da palavra de Deus, para que possamos entender essas verdades.⁵⁰

Essa perspectiva bíblico-histórica do santuário celestial, diz ela, é o tema sobre o qual “os mensageiros se devem demorar”.⁵¹

49. Malcolm Bull e Keith Lockhart, *Seeking a Sanctuary: Seventh-day Adventism and the American Dream*, 2da ed. (Bloomington: Indiana University Press, 2007), 76.

50. Ellen G. White, *Manuscript Releases*, vol. 14 (Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate, 1990), 217.

51. Ellen G. White, *Primeiros escritos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), 63: “Mas assuntos como o santuário, em conexão com os 2.300 dias, os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, são perfeitamente apropriados para esclarecer o passado movimento adventista e mostrar qual é nossa presente posição, estabelecer a fé do vacilante e dar a certeza do glorioso futuro. Esses, tenho frequentemente visto, são os principais assuntos sobre que os mensageiros se devem demorar”.

Carlos Flavio Teixeira
carlos.flavio@ucb.org.br
Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia
Engenheiro Coelho, São Paulo, Brasil

Recibido: 20 de diciembre de 2019

Aceptado: 02 de febrero de 2020